

les seres anónimos que cruzaram a rua perante os meus olhos naquele anoitecer enfeitado.

Obra de leitura difícil, *O Despertar de Finnegan* pretende ser a tradução em moderno, face aos infernos do século, de uma antiga lenda irlandesa. Já não se trata agora de actualizar um mito helénico, mas sim um mito irlandês. Contudo, o paralelismo mantém-se da mesma forma. Diz a velha canção que Tim Finnegan, modesto ser-vente que levava a cal aos alvanéis, caiu uma manhã do alto dos andaimes, dado que iniciara o seu dia de trabalho já com a cabeça obscurecida pelos nevoeiros do uísque, como dizem em Dublin. Tão grave foi a queda que os seus companheiros, supondo-o morto, transportaram-no para casa, depositaram-no sobre o leito e iniciaram a celebração do tradicional rito fúnebre que se prolonga pela noite fora e que consiste em embutir uma quantidade enorme de bebidas e em falar continuamente sem trambelho. Quase ao romper da manhã um dos camaradas derramou umas gotas de uísque entre os lábios do morto, o qual, ao voltar a sentir aquele sabor familiar e adorado, logo ressuscitou e se ergueu de rompante. Na novela de Joyce trata-se do sonho de um jovem Finnegan enquanto está morto ou embriagado, e também do sonho de Finn, herói lendário irlandês adormecido nas margens do rio Liffey. Neste sentido, como afirmou o professor McLuhan em Toronto, *Finnegans Wake* pode ser também interpretado e entendido como «Finn again wake», o novo despertar de Finn, ou Finn de novo desperto, que é um despertar para a verdade, para uma nova realidade e da sabedoria última.

Com efeito, essa obra de Joyce foi escrita entre 1923 e 1939. A sua elaboração consumiu, pois, dezasseis anos e pretende ser a criação ou recriação do mundo, utilizando para tanto e em pleno todo o material, e o único, de que dispõe um escritor, ou seja a linguagem. Este livro abrange a Bíblia e as suas personagens fundamentais, actualizadas e claramente transformadas em heróis modernos. Contém Dublin e a Irlanda, a simbologia eterna do primeiro casal, os conflitos entre pais e filhos, a contínua assimilação do rio Liffey com a vida e a mulher, e a de Dublin com o homem. Anna Livia Prurabelle (a muito bela mas também a que provoca muitas guerras, já que em latim *bellum* significa guerra) é a mulher de Earwicker, o jovem Finnegan, a que atravessa toda a sua vida e a justifica, da mesma forma que o rio Liffey atravessa e justifica a existência de Dublin. É um universo como que recriado pela palavra, pelo verbo original que paira sobre as águas do caos primigénio.

Pela uma da madrugada, após termos visitado tudo, ao longo de

uma noite tão comprida e rica como a de Bloom ou como a do sonho de Finnegan, detivemo-nos num local afastado do centro da cidade, em frente de um edifício. «Deseja apear-se?», perguntou-me a senhora Veale. «Outra casa histórica!», resmunguei para os meus botões, e as minhas pernas, tal como a minha memória, já davam mostras de fraqueza. Havia sete horas que dávamos voltas e mais voltas, quer dentro quer fora da cidade. Sentia alguma curiosidade em saber qual de nós três rebentaria primeiro. Porém, tratava-se afinal da casa onde morava Vivienne Veale, jovem de pele branca, olhos verdes e cabelos negros, tão gentil como a própria essência da hospitalidade irlandesa. Subimos uma escada e logo me deixei cair numa cadeira. Ceámos. O meu inglês vai-se paulatinamente aperfeiçoando. O chá é saborosíssimo. Fora adquirido numa loja de produtos coloniais, a famosa confeitaria de Grafton Street, também figurante do *Ulisses* como aliás tudo que em Dublin é memorável. Cerca das duas horas regressámos à cidade e continuámos as nossas voltas, embora não houvesse vagar para visitarmos alguns locais tipicamente joycianos.

Passei a manhã imediata na Torre Martelo com as duas senhoras Veale. O interior da mesma foi transformado em museu, com alguns retratos de Joyce, manuscritos, fotografias, quadros, mas tudo impregnado da atmosfera católica dos primeiros capítulos de *Ulisses* e evocando simultaneamente a formação espiritual do novelista e um dos mais cruciantes dramas da sua vida. Lá do alto avista-se o mar, bordejado pelo casario até à longínqua baía de Dublin e capeado por um céu antes cinzento que azul, sulcado por gaivotas.

«Eis ali o mar, a doce mãe gris, o mar verdemuco, o mar escrotoconstritor. *Epi oinopa ponton*. Ah, Dedalus, os Gregos. Um dia terei de explicar-lhe o que foram na verdade os Gregos. Terá de lê-los no original. *Thalassa, thalassa!* És a nossa grande doce mãe! Venha, venha vê-lo!»

É com estas palavras que Buck Mulligan convida Stephen Dedalus, personificação de Telémaco, filho de Ulisses, no começo do livro. Frente ao mar, uma vez a descoberto no alto da Torre, Mulligan diz para Stephen: «Minha tia está convencida de que você matou sua mãe.»

Eis aqui como a realidade se mistura com o romance, confusão típica da literatura de Joyce. O escritor havia regressado da sua primeira viagem pela Europa, ainda jovem. Perdera a fé em Deus, mas multiplicara a fé em si mesmo. A mãe encontrava-se moribunda, e ao vê-lo rogou-lhe que se aproximasse e orasse com ela para lhe provar que ainda era cristão. Joyce negou-se a tal, e a mãe morreu atiquilada pela frieza do filho. «Há algo de demoníaco